

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE FILOSOFIA – IFILO**

**ÉRIKA DE SOUZA MARQUES**

**"Por uma educação filosófica antirracista dentro das escolas: por  
uma existência! A obra de Jeremias Brasileiro"**

**UBERLÂNDIA – MG**  
**2025**

**ÉRIKA DE SOUZA MARQUES**

**"Por uma educação filosófica antirracista dentro das escolas: por  
uma existência! A obra de Jeremias Brasileiro"**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação de Filosofia do Instituto de  
Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia  
como requisito parcial para obtenção do título de  
licenciado e bacharel em Filosofia.

Sob orientação do Prof. Dr. José Benedito de  
Almeida Jr.

**UBERLÂNDIA – MG**

**2025**

**ÉRIKA DE SOUZA MARQUES**

**"Por uma educação filosófica antirracista dentro das escolas: por  
uma existência! A obra de Jeremias Brasileiro"**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação de Filosofia do Instituto de  
Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia  
como requisito parcial para obtenção do título de  
licenciado e bacharel em Filosofia.

Uberlândia, 23 de setembro de 2025

Banca Examinadora:

---

Professor Dr. José Benedito de Almeida Jr. (Orientador - UFU)

---

Professora Mestranda Kyto Fayola (Examinadora – Mestranda em Filosofia PPGFIL - UFU)

---

Professor Magnus Vieira Barbosa (Bacharel e Licenciado em História – UFU – Secretário do  
Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu filho, Marcos Winicius, cuja trajetória foi marcada por desafios e injustiças que jamais deveriam fazer parte do ambiente escolar. Que este trabalho simbolize a luta de sua mãe por uma educação antirracista, inclusiva e transformadora, e que, através dele, você possa vislumbrar um futuro com mais dignidade, oportunidades e respeito.

Dedico também ao meu pai, José Vieira de Souza, meu maior exemplo de força, simplicidade e integridade, cuja sabedoria silenciosa sempre me guiou.

Dedico este trabalho, com todo o meu carinho e gratidão, ao meu esposo, Leomir do Carmo, que foi meu alicerce ao longo desses anos de jornada acadêmica. Seu apoio incondicional, incentivo constante e presença firme foram fundamentais para que eu não desistisse diante dos desafios. Sem você, essa conquista não teria sido possível.

Dedico também aos meus familiares e amigos, que, com palavras de encorajamento, gestos de afeto e mãos estendidas nos momentos dificeis, contribuíram significativamente para que eu chegassem até aqui. A todos vocês, meu profundo agradecimento e amor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por ter me concedido a graça e a força necessárias para trilhar este caminho até aqui. Foi Ele quem me guiou e me sustentou na realização deste sonho: tornar-me professora de Filosofia. A fé e a persistência foram luzes constantes em minha trajetória, mostrando-me que, mesmo diante das dificuldades, é possível transformar sonhos em realidade.

Minha profunda gratidão ao meu orientador, Dr. José Benedito que, com paciência, generosidade e firmeza, caminhou ao meu lado durante toda a jornada acadêmica. Seu olhar sensível e encorajador me ajudou a enxergar um potencial que, em muitos momentos, eu já não conseguia mais ver. Professor, seu apoio foi essencial para minha formação e para que este trabalho pudesse ser concluído. Muito obrigada por acreditar em mim.

Ao Dr. Jeremias Brasileiro, deixo registrada minha sincera admiração e agradecimento. Sua trajetória de vida e sua luta incansável contra o racismo foram fontes de inspiração fundamentais para a construção deste trabalho. O senhor é um exemplo de resistência, dignidade e compromisso com a educação antirracista. A atuação nas escolas e a defesa incondicional da cultura negra fortalecem não apenas minha formação intelectual, mas também minha identidade enquanto mulher negra. Obrigada por ser farol e referência.

Agradeço à minha amiga Aline Ferreira Magalhães. Compartilhar a jornada universitária com você foi uma bênção. Levo comigo não apenas a gratidão, mas também a alegria pelas experiências que vivemos juntas. Sou, ainda, imensamente grata por sua valiosa ajuda na elaboração e escrita da transcrição (Aula ministrada na apresentação do TCC), que faz parte deste meu trabalho de conclusão de curso.

Agradeço, também, aos meus familiares e amigos, cujo carinho, apoio e palavras de encorajamento foram fundamentais em cada etapa desta caminhada. Cada um de vocês habita com afeto o meu coração.

À professora-doutora Ivete Batista da Silva Almeida coordenadora, e ao Magnum Barbosa, secretário do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Axé, expresso meu sincero agradecimento pela oportunidade de atuar como bolsista durante um ano. A vivência proporcionada foi enriquecedora, tanto no aspecto acadêmico quanto pessoal, ampliando minha visão crítica e meu compromisso com a valorização da cultura negra.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meu muito obrigada.

## **RESUMO**

Este TCC tem por objetivo fazer uma reflexão sobre uma educação antirracista a partir dos referenciais da Filosofia e do estudo do acervo Jeremias Brasileiro. CONTINUARÁ...

## **SUMÁRIO**

<b>AULA MINISTRADA NA APRESENTAÇÃO DO TCC .....</b>	<b>7</b>
<b>RELATÓRIO FINAL: PROGRAMA DE BOLSA DE GRADUAÇÃO (PBG) .....</b>	<b>29</b>
<b>RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO: ACERVO DE MEMÓRIA NEGRA JEREMIAS BRASILEIRO.....</b>	<b>41</b>

## AULA MINISTRADA NA APRESENTAÇÃO DO TCC

**Pr. Dr. José Benedito:**

Aí eu vou pedir para você interromper de vez em quando para não fazer ...<sup>1</sup> um arquivo muito longo. Pode começar.

**Érika:**

Boa noite, gente! Tudo bem?

Tô muito feliz que vocês estejam aqui presente na minha banca hoje.

Eu me chamo: Érika de Souza Marques, tenho 38 anos. Comecei o curso de Filosofia no ano de 2019 e estou aqui hoje, né? Defendendo o meu TCC, que é o meu trabalho de conclusão de curso. E tô muito feliz, pela presença de cada um de vocês aqui.

Eu queria falar um pouquinho sobre mim, né? Já que é o meu trabalho de conclusão de curso. Vou falar sobre mim...que é algo muito difícil.

Eu entrei na Filosofia como uma segunda opção. Quando, na verdade, ... eu fiz o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio)<sup>2</sup>, eu fiz por um teste mesmo. Eu fui fazer o Enem, porque eu nunca tinha feito o Enem e eu sempre soube que eu era professora.

Desde muito cedo, eu já nasci professora. Tem gente que pergunta: “A pessoa nasce professora ou se torna professor?” Tem as pessoas que se tornam professores e tem quem nasce professor.

Eu nasci professora e disso eu tenho certeza. Quando eu era muito pequena, tipo, a minha mãe ainda era viva, em torno de quatro anos de idade, mais ou menos. Eu comecei a ser alfabetizada em casa, porque eu era caçula, então os mais velhos tinham que me interter e eu como sempre muito quieta. Então né? Eles me intertiam, me ensinando, dando livro. Eu narrava as histórias, criava as histórias através dos desenhos e sempre que eles vinham da escola eles traziam giz.

Então, eu era uma professorinha, que naquela época tinha as placas de muros de escola. Que a gente tinha as placas em casa, aquelas placas, e eu escrevia nas placas, dava aula. Os meus primeiros alunos eram as galinhas, pintinho, o pé de abóbora.

E eu lembro que eu tinha ali, por volta de cinco anos. Eu falava assim: “Vocês presta atenção, tá? Eu não vou repetir, galinha, vem cá!”. Era desse jeito... muito pequena e sempre

<sup>1</sup> As reticências, ao longo da transcrição, indicam a supressão de trechos repetidos durante a fala.

<sup>2</sup> Os parênteses durante a transcrição foram utilizados com o objetivo acrescentar informações que ajudem o leitor a compreender os contextos que não estão totalmente explícitos.

foi assim, né?

A minha irmã fala que eu sempre fui muito assim de falar, gesticular, conversar com as plantas. Minha mãe também falava com as plantas, com os bichos. Então, eu falava até com as paredes, bem de família. E eu sabia que era professora, desde aí.

E aí eu estudei, formei muito cedo, porque como eu fui alfabetizada em casa, quando eu cheguei no pré (Pré-escola) eu já sabia ler e escrever, já era alfabetizada. Então, aquilo interrompia o desenvolvimento dos outros alunos. Porque falava: “B com A?”, e eu: “BA, BE, BI, BO, BU”. Porque a gente também tem que aparecer, porque senão não tem graça.

Então, naquilo (Érika relatando o que disseram para seu pai): “Olha, vamos passar a sua filha para o segundo ano, seu Zé. Porque ela tá atrapalhando o desempenho dos outros alunos. Ela tá um pouco avançada. Se ela aguentar ela vai. Se ela não aguenta a gente volta” ...

Aí eu formei com dezesseis anos, terminei o ensino fundamental e o médio, e eu lembro que perto da minha casa tinha uma escola e eu era voluntária lá... Eu estava no segundo ano do ensino médio. Eu chegava da escola, tomava um banho e ia pra lá, ficar de voluntária, passando nas carteiras, lá na cidade de Buritizeiro (cidade de Minas Gerais).

A professora chamava Ciça e eu ficava lá monitorando os alunos e adorava, me chamavam de tia. Eu ficava a tarde inteira na escola. Gente; eu estudava de manhã e ficava de graça na escola, fazendo monitoramento, ajudando os alunos, porque era uma coisa que eu sabia que eu queria ser.

Mas, aí veio os perrengues da vida. Não fiz o vestibular, porque naquela época... tinha faculdade só em Montes Claros, e que era mais perto. Eu fui preencher, tinha os quadradinhos, eu preenchi errado, caiu pra São Francisco. Meu pai falou: "Olha, mesmo que você passe, você não vai". Porque não poderia morar fora da cidade.

E aí, eu tinha pegado a minha parte da casa que vendeu... paguei um curso de pré-vestibular na época com meu dinheiro. Foi um investimento que eu fiz, que eu queria muito entrar na faculdade. E aí depois ficou pra lá. Porque eu não poderia fazer, porque eu preenchi o trem errado. Depois eu desisti.

E aí eu casei, tive filho... E aí esse sonho ficou pra trás. E já aqui em Uberlândia... num belo de um dia assim, me deu um estalo, eu falei: “Vou fazer o Enem”. Mas eu nunca imaginei que eu conseguaria ter uma nota, que eu conseguaria ter, sabe? Pra passar. Mas aí eu fiz pra experiência, saber como é que era, como é que funcionava as questões, aquela coisa toda de quem nunca tinha experimentado.

E aí eu peguei, depois teve o SISU (Sistema de Seleção Unificada), né? há eu falei: “Vou tentar minha nota no SISU para ver se eu consigo”. E História era minha primeira opção, e

Filosofia era minha segunda opção.

E aí eu tô lá no serviço um dia. Fui abrir o computador, porque eu não tinha em casa, e tava num negócio lá, da UFU (Universidade Federal de Uberlândia) ... Eu achei que era um vírus. Eu falei: "Gente, se eu aceito? Eu falei: "Como assim, eu aceito?"

Aí eu tinha sido chamada, eu tava na lista de espera em décimo segundo. Eu Tinha passado em décimo segundo lugar, e tinha chamado... Perguntando se eu aceitava, levar a documentação pra mim poder entrar na faculdade.

E ali mudou totalmente o rumo, né? Da minha história, e tudo começou, minha vida acadêmica começou ali. E, quando eu cheguei no curso de Filosofia, eu precisava encontrar alguma coisa, porque é tudo muito novo, né?...

É muitos anos, quinze anos longe da escola. Então, você chega ali, com a molecada nova, todo mundo novo, começando, e você perdido, igual cego no meio do tiroteio; uma senhorinha, né? No meio da molecada.

E foi muito difícil no começo. Eu pensei em desistir várias vezes, eu precisava achar alguma coisa que fizesse sentido, porque cê trabalha o dia inteiro, chega à noite. Eu comecei o curso no noturno, às vezes meu filho ia comigo, aquela correria, e você sem conseguir concentrar direito, prova em cima de prova, trabalho em cima de trabalho, e aquela correria.

Eu apaixonei por Sócrates, a gente teve um caso, nós dois... Sócrates, maravilhoso, né? É filósofo. E, assim, o jeito de Sócrates me encantava, porque eu imaginava a Filosofia assim: a gente descalço, andando, conversando. Gente, pra que escrever? Eu pensava: "Nossa, vamos conversar, vamos falar sobre a vida, sobre o belo, sobre o amor, vamos interrogar as questões, a gente não sabe de nada, precisamos entender as coisas." E era aquilo... a minha primeira paixão... na Filosofia, foi isso. E aí chegou um certo ponto do curso que começou a ficar pesado, né?

Porque, quem tem a jornada dupla. A gente, enquanto estudante, enquanto negro, enquanto jornada tripla, quádrupla, sei lá. Porque cê tem que se desdobrar em vários. Você não consegue se entregar como uma pessoa que não tem uma ocupação que você tem, consegue.

Eu via a molecada lá, de boa, fumando um brau, sentado lá no chão, tranquilo, o dia inteirinho ali. Eu falava: "Se eu tivesse o tempo que essa molecada tem, se eu pudesse ficar na biblioteca, linda, maravilhosa, sentar ali, pegar um bocado de livro e ficar ali por conta. Se eu não precisasse trabalhar, se eu tivesse tempo, aí eu queria fazer tanta coisa, tinha tanta ideia.

E, aí começou assim, né? Aí eu comecei a passar os preconceitos, os racismos e eu pensava: "Gente, isso aqui não é para mim". E as pessoas querem fazer você entender que

aquilo realmente não é pra você.

Professores deixam claro que aquilo não é pra você. De um jeito chique, como se eles tivessem muito preocupados com você. Eles falam assim: “Olha, a gente entende que cê tem uma jornada difícil. Tudo bem, se você quiser trancar o curso, quiser dar uma parada. Porque eu sei que não é fácil, dá um tempo, pensa de repente, não é...” Porque é mais fácil você desistir, né? É mais fácil você desistir, não é? Tudo bem, você dá uma pausa, e eu pensava: “Mas não é isso que eu quero, eu vou conseguir. Eu dou conta, eu quero, eu quero tá aqui, eu quero”.

E eu conheci o professor Benedito no quinto período. E aí eu tava já pra desistir, ele falou assim: “Érika, você é professora, isso é fato, a gente vê você. Você vai terminar sua licenciatura, seu bacharelado. Você vai pra escola sim, a gente vai junto nessa”.

Aí eu falei pra ele: “Professor, o senhor é tão necessário. O senhor precisava estar no começo do curso, porque muita gente não chega até o quinto período. Muita gente desiste antes. O senhor era muito necessário”... tinha que tá lá, vários Beneditos lá espalhados e tal.

Então, foi assim que eu comecei a procurar alguma coisa que me desse sentido pra poder trabalhar o meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), o meu trabalho...

Mas eu não queria falar algo pronto. Eu não queria pegar uma tese sobre um autor e falar: “Aí, o autor X fez isso”. Não que eu não ache importante. É claro que todos eles têm a sua importância, a sua relevância e tudo, né?

Os fundamentos básicos vieram através deles, enfim. Mas eu precisava de algo que fizesse sentido real pra mim, e que eu pudesse utilizar isso ao longo da minha vida e beneficiar outras pessoas... Sabe? Eu nunca tive aquela visão acadêmica de dar aula para o universitário, até porque universitário é muito chato, sabe? Você ficar ali... Não que eu desmereça quem faça isso.

(Érika está fala com o professor José Benedito, presente na aula) “Viu professor, parabéns. Você é um guerreiro, né? E ganha-se muito bem pra isso”. Mas o dinheiro em si, o *status*, o negócio... Isso nunca encheu o meu olho.

Eu penso sempre nos meus, sabe? Na juventude, na molecada, nos negros, nas negras, meninos da periferia, ali que tão na base, que não têm acesso à educação, que desistem da escola, que vão trabalhar em casa de família.

Eu precisava chegar nessas pessoas pra eles entenderem que eles têm potencial de ser o que eles quiserem ser. Porque a maioria acha que eles estão predestinados a trabalhar, trabalhar, trabalhar e é isso, porque não tem lugar pra eles.

Aí você vê tantas poucas pessoas chegando nas escolas... Eu fui dar uma palestra numa

escola. Me convidaram pra ir, chamaram Jeremias, na verdade, primeiro. Aí ele tava com agenda ocupada e aí ele me apresentou pra professora Célia. E ela me fez o convite, e eu aceitei. E, na escola não tinha uma professora negra, numa escola pública que pudesse dar uma palestra no “Dia da Consciência Negra” para falar com propriedade sobre o assunto, pra conversar com os alunos. Então você chega no hospital, você não vê médicos negros, raramente um ou dois. Você não vê juízes negros. É muito pouco gente. Você não vê.

**Pr. Dr. José Benedito:**

Pode retomar suas palavras.

**Érika:**

Então, tudo isso. Eu precisava vivenciar isso.

E aí eu comecei a fazer um projeto de PBG com o professor Benedito, que era sobre sala de aula. Porque eu via professores inteligentíssimos dar uma aula e você não saber nada.

Ficar olhando pra cara dele sem saber absolutamente nada, e todo mundo fingindo que estava entendendo tudo, e era tudo mentira.

A única diferença era que eu falava que eu não tinha entendido, que não tava muito claro pra mim. Mas algumas pessoas não tinham coragem.

Porque o que acontece. O conhecimento ele é importante. Mas ele é importante, ele faz parte. Mas ele sozinho, ele não agraga. Se você não souber passar o que você sabe, o conhecimento que você tem. Aquilo não tem nenhuma serventia.

Aí eu via professores falando várias coisas, entrando de um assunto, mudando para outro, e eu ficava perdida.

Quando veio o projeto, eu apaixonei, falava sobre uma aula. Como você dá uma aula; como você reconhecer seus alunos, como você reconhecer a sala em que você está. Saber que cada aluno veio de uma realidade diferente... você vai conseguir observar sua turma, ver seus alunos, o tipo de aluno que você tem, qual a necessidade de cada um. Tem aluno que é mais falador, tem aluno que é mais quietinho, tem aluno que gosta mais de ler, tem aluno que gosta de falar. Cada um tem um jeito, e você tem que saber levar aquela turma.

Não adianta eu chegar lá com todo o conhecimento, abrir a boca, falar, falar, falar e ninguém entender nada.

E aí eu comecei a apaixonar por esse projeto, aí a gente ficou, acho que, quatro meses nesse projeto, e eu comecei a trabalhar isso, a importância de você conhecer a sua turma, elaborar uma boa aula, introduzir música na aula, introduzir poesia, pegar a matéria que você

tem, trazer para o cotidiano do aluno, inserir ele naquilo. E aí, eu falei: “É isso. Eu preciso disso”.

Aí, quando foi pra mim escolher um tema pro meu TCC, eu pensei: "Vou falar do quê?" Pensei em Paulo Freire, pensei em Lélia Gonzalez, sobre “*Lugar de negro*” (1982), pensei em tanta coisa...

Aí eu vim pro Graça (*Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché*, em Uberlândia, Minas Gerais). E aí eu pensava, pensava, ficava pensando nisso, pensando naquilo.

Eu lembro que eu fui fazer um ensaio de TCC, uma matéria que eu peguei. E aí eu levei o livro de Lélia Gonzalez. Não! não tinha o livro ainda, eu queria comprar, depois eu ganhei de um amigo do curso.

E aí eu falei com professor... Ele perguntando as ideias. Eu falei: “Eu queria muito fazer. Aí eu estou pensando em falar sobre Lélia Gonzalez”. Ele virou e falou pra mim assim: “Lélia Gonzalez nunca ouvi falar” ...

Eu falei: “Você nunca ouviu falar em Lélia Gonzalez?”

(Professor de Filosofia) Não!... Ela é filósofa?...

(Érika) Filósofa negra! ... O livro “*Lugar de Negro*”.

Ele falou: “Olha, deixa eu te falar uma coisa. Então, sobre o TCC. Esse assunto tá mais voltado pro lado das sociais, sabe? Não é filosofia. Você poderia pensar em uma ou outra coisa, um outro tema”.

E aí aquilo ali me quebrou as duas pernas... Falei: “Poxa vida”. Eu fiquei chateada. Falei: “Foi um preconceito”.

Mas, assim, até então às vezes o racismo ele vem de uma forma tão forte que ele te dá um baque até você acordar, que você foi vítima de um racismo, que a pessoa tá sendo preconceituosa, que a pessoa tá sendo com o seu trabalho, com a sua escolha, sabe? Você fica assustada.

E aí eu fiquei pensando, e falei pro professor Benedito, revoltada...Ele falou assim: “Faz o seguinte, fala sobre o que ele quer”.

Aí eu pensei: “Já sei”. Entrei na internet...pesquisei sobre Descartes,...e aí fiz um TCC meia-boca lá, peguei umas referências tudo da internet, e eu tirei nota cem.

Cê tá entendendo? Tipo assim, era só eu falar sobre o que a pessoa queria ouvir. Aí eu pensei: “Não é isso”.

Aí quando eu vim aqui pro Graça, que eu comecei trabalhar no acervo de Jeremias Brasileiro. Gente, eu fiquei apaixonada de cara, com o trabalho que ele fazia... eu achava que

ele era morto, né? Eu não sabia que ele era uma pessoa viva.

Então, eu quero falar pra vocês um pouquinho sobre Jeremias Brasileiro. Jeremias Brasileiro da Silva, né? Ele nasceu em Rio Paranaíba, em Minas Gerais, em 24 de agosto de 1959, mas ele reside aqui em Uberlândia desde 1975.

E Jeremias Brasileiro, antes dele ser já – isso que me encantou nele<sup>3</sup> – antes dele ser doutor Jeremias Brasileiro, ele já era o poeta, o escritor, o Jeremias Brasileiro que trabalhava pela educação mesmo antes...

O trabalho que ele fazia, que ele faz até hoje, é de encantar, e ele é uma pessoa... eu tive a oportunidade de conhecer...

Ele é tão humano, eu nem tive coragem de convidar ele, porque eu fiquei com muita vergonha. Mas, assim, é uma pessoa maravilhosa. Você vê o trabalho que ele faz e você vê, tipo assim, aquela sede que eu tinha de levar essa educação de antirracista pra escola, de trabalhar com os alunos sobre lutar contra o preconceito, sabe? Contra tudo, contra essas barreiras da educação mesmo.

Porque os meninos, gente, na escola pública, é tão engraçado isso. Quando você vai pra escola, no estágio, eu tive essa oportunidade de ver. É muito diferente a realidade e o tratamento dos professores com os alunos também, é muito visível...

Eu falei: “Eu preciso ocupar esse espaço”. A gente precisa estar nesses lugares, ocupando esses espaços, entendeu? Então, assim, ele me fez criar esse amor, e eu falei: “Nossa”. E eu comecei a trabalhar no acervo (Acervo do Jeremias Brasileiro, realizado no Graça do Aché).

Só que eu não sabia se eu poderia falar sobre Jeremias, porque ele é formado doutor, né? Historiador, em História. E o professor Benedito falou comigo: “Então, a gente pode sim. Você pode falar sobre o acervo, sobre o trabalho que ele desenvolve”.

E aí que veio né, o tema (“*Por uma educação filosófica antirracista dentro das escolas: por uma existência! A obra de Jeremias Brasileiro*”) que eu coloquei – por uma educação antirracista dentro das escolas: por uma existência, e não uma resistência, em Jeremias Brasileiro.

Aí, assim, eu achei o tema. Um pouco forte, mas é realmente isso. E aí, quando eu peguei a história de Jeremias, que ele me conta. A gente fez uma entrevista, conversando com ele sobre tudo: o menino Jeremias... antes de a gente chegar no Jeremias grandão, na sua tese de doutorado, mestrado,... Vamos falar sobre o menino Jeremias.

Aí ele começou a contar a história dele lá do começo, sobre o preconceito que ele passava

---

<sup>3</sup> Os travessões durante o texto serão utilizados, quando necessário para identificar: explicação, interrupção e reflexão, comentário adicional, da narradora durante sua fala.

na escola. Que era ele e uma menina, que era gordinha. E o professor era um juiz da cidade, né? E naquela época era pior ainda do que hoje, porque...batia mesmo, os meninos apanhavam, palmatória, castigo, humilhação.

E esse professor colocava apelido nele, chamava ele tição, sabe? Humilhava ele na frente da turma toda, todo mundo ria, tudo que acontecia de ruim na sala a culpa era dele, e ele tinha muito medo, sabe? Ele falava que ele tinha muito medo.

Teve uma vez que aconteceu um episódio que o professor brigou, brigou, brigou, e aí subiu um fedor na sala, que alguém tinha feito cocô na roupa. E ele falou que...não tinha sido ele, mas ele estava com tanto medo...com medo de ter sido ele, de levantar, sabe? O tanto que isso marcou, até que ele acabou abandonando a escola, porque ele não conseguia mais.

Aí ele conta que depois de tudo, dos livros escritos dele já... doutor já... representando vários trabalhos. ele teve na cidade. E aí ele falou que ele (Professor) vinha. Ele pensava assim: "Um dia que eu estiver de frente para ele, ele vai ver como é que funciona as coisas, né? Porque eu sou, hoje eu sou Jeremias Brasileiro, um escritor, né? Formado e tal",...dizendo ele (Jeremias Brasileiro) que, ele vinha descendo (a rua) e o juiz subindo. Ele falou que aquele medo da criança tomou conta dele, ele ficou paralisado. É uma coisa que, tipo, marcou a vida dele...

E eu pensei. Vocês têm noção do quanto o trauma uma criança que sofre preconceito dentro da escola, no começo dos seus anos, ela pode carregar? Então, assim, é muito importante você introduzir essa educação antirracista nas escolas desde os anos iniciais, não só no fundamental e médio, começar da base.

Aí as pessoas falam assim: "Mas, como é que você vai colocar a cultura negra, falar sobre negro, sobre tanta coisa? As crianças não vão entender".

E, aí que as pessoas se enganam. Eu lembro que quando eu – é quando eu estava catalogando os trabalhos dele – essa foi uma das pastas que mais mexeu comigo. Depois eu vou girar elas pra vocês verem, que eram as pastas das cartinhas. E nela, toda vez que ele (Jeremias Brasileiro) dava palestra nas escolas, que ele ia, trabalhava nas escolas, palestras, as crianças faziam as cartinhas e mandavam pra ele.

E aí você lê as cartas, você fica, meu Deus, tem uma das cartinhas que o menino fala assim: "Antes você era negro... agora você é um poeta". Ele continua sendo negro. Mas é essa referência que ele trouxe, sabe?

Então assim, isso mexeu muito comigo, me encantou. E eu pensava:... "Como trabalhar isso? Como trazer a cultura? Como tirar esse preconceito, essa coisa de que tudo que vem do negro é ruim, sabe? Como que eu posso fazer isso?"

E aí eu lembro que. Já com o material dele, olhando tudo. Esse livro dele que eu deixei com um de vocês – depois vocês quiserem ir passando – tem mais ali sobre: “*As crianças na Congada no Reinado e no Congado*” (2024). Fala sobre crianças que fazem parte desse universo do Congo, né? O Jeremias, ele cresceu; ele não é uma pessoa que estudou sobre o Congado. Ele nasceu ali, ele tem toda uma história. A vida dele foi ali dentro.

**Érika:**

E aí eu precisava... Eu via nele que era possível você trabalhar isso. Então, ele, desde sempre, ele saiu da escola, ele foi trabalhar pra ajudar o pai dele.

Um dos primeiros livros dele, que é “*Direito de Sonhar*”, ... Jeremias escrevia; ele encadernava os seus livros. Ele sabia que ele era escritor, do mesmo jeito que eu sei... do jeito que eu sei que eu sou professora, ele sabia que ele era escritor.

Ele escrevia em horário de almoço, ele pegava uma caneta e ele escrevia. E aí... ele ia escrevendo e ele tava fazendo poema, poesia.

E nesse livro eu acho muito interessante que, atrás, aqui na contracapa, ele coloca assim: “*trabalho em construção pra não morrer de fome e escrevo livros de esperança somente pra viver*”. O que mantinha ele vivo era a esperança. Escrever era a paixão dele. Então, escrever mantinha ele vivo.

Ele tava ali trabalhando pra suprir a sua necessidade física e escrevendo pra não adoecer a sua alma. Porque ele sabia que escrever era o que mantém ele vivo. Mas ele precisava trabalhar por enquanto.

Aí você vê uma pessoa que acredita. Gente, os livros dele, as poesias dele são maravilhosas, isso é muito forte.

E ele começou a trabalhar e ele ia, ocupava os espaços mesmo, participava da tenda no circo, evento cultural, juntava todo mundo, fazia as poesias, ele dava palestra, mesmo sem ser professor ainda, sem ser doutor... Ele voltou pra escola depois de já adulto, já jovem, ele voltou a estudar, ele precisava concluir... Ele teve o apoio de uma professora que incentivava muito ele, gostava muito dos livros dele. Estudando ainda, ele fazia com os amigos dele mesmo a noite de autógrafos, sabe aquele negócio?

E aí dava autógrafos nos livros que ele, sabe aquele negócio de “eu vou chegar lá?” Gente, eu fui no lançamento desse livro dele. Aí, hoje, você vê os livros dele. Jeremias, hoje, tem um alcance, não sei quantas entrevistas pra televisão, capa de revista. Gente, capa de revista! Jeremias tá chique, e a carinha dele não muda; ele é a mesma carinha do Jeremias menino é o Jeremias grandão, sabe? Então, assim, a essência dele não mudo. E aí teve uma coisa que ele falou comigo que mexeu muito comigo.

Ele já fazia todo um trabalho cultural, ele já defendia, já era representante do Congo aqui em Uberlândia, já organizava as festas, já participava do carnaval, tava à frente de tudo, já era conhecido, já trabalhava na prefeitura, já fazia mil e uma coisas.

Mas aí uma professora dele falou com ele assim: "Olha, Jeremias, você precisa ter espaço em lugares maiores e você precisa formar para você ter esse acesso. É importante". E aí ele começou a pensar sobre. Foi quando ele entrou na Universidade; ele entrou já tardeamente, né? Também. E aí ele levou o Congo pra dentro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)... Ele levou o Congo literalmente lá pra dentro. Ele fez um evento mesmo com o Congo dentro, o pessoal cantando e foi muito bonito.

A gente tem foto ali, tem tudo. Então assim: ele transformou a paixão da vida dele, a história que ele estudou, que ele cresceu, que ele viveu, que ele defendeu a vida toda, entendeu? Em seu objeto de estudo.

Então, quando ele chegou na UFU, na graduação, o TCC dele, o tema foi: "*Congado em Uberlândia, espaço de resistência e identidade cultural*", isso foi de 1996 até 2006, né?

Aí ele defendeu o TCC em 2006. No mestrado, também na UFU, em História que ele fez, o tema dele foi: "*O ressoar dos tambores do Congado: entre a tradição e a contemporaneidade: cotidiano, memórias, disputas*", em 1955 a 2011. Ele defendeu em 2012. Ou seja, o tema tá aí: ele tava falando sobre a vida dele. Ele transformou a vida dele no seu tema de trabalho, ou seja, é lindo de ver.

Você vê uma pessoa que já tinha, ele não precisava mais, ele podia falar: "Eu não preciso mais"... Então, a gente às vezes quer desistir... das coisas... a gente quer largar pra lá, porque chega num ponto que fica tão difícil. Às vezes o racismo, ele é maquiado.

Quantas e quantas vezes eu já me senti desconfortável e sabia que eu não era bem-vinda naquele espaço.

Cê chega na escola muitas vezes de capa de chuva, porque eu ando de moto e carrego passageiro, às vezes fazia entrega, de capa, de dois capacetes. Aí cê entra, a aula já começou porque você já chega atrasado porque você está trabalhando naquele negócio... Aí você vai tirando o capacete, vai tirando não sei o quê: "Que, que essa menina está fazendo aqui?"

Só que eu precisava mostrar que eu... que eu tava ali, porque eu merecia estar ali. Eu tinha condição de estar ali. E quando era que isso acontecia, não era quando eu ia escrever trabalho não. Porque, pra escrita... Eu achava que seria escritora, né? Mas, aí me travaram a minha escrita. Mas assim, enfim.

Na hora de falar, quando era pra apresentar um trabalho, eu falava: "Agora, deixa comigo, porque agora, na fala eu me garanto. Eu vim pra isso".

Aí eu começava... a apresentar o trabalho e ali eu me sentia confortável. As pessoas falavam assim: “Nossa”. As pessoas ficavam admirada: “Olha ela, né?”

Tipo, não gente, eu não tô aqui à toa, eu tô aqui porque eu mereço tá aqui. E pra você ter um CRA alto (Coeficiente de Rendimento Acumulado), para você conseguir tá ali, é difícil.

Então eu passei por isso, sabe? Então, eu penso assim, eu quero que as crianças que me vejam, do mesmo jeito que eu olhei pro Jeremias e me identifiquei com essa luta dele, que elas olhem e vejam onde ele tá hoje. Se eu consegui chegar pelo menos um terço do caminho... que ele percorreu de onde ele chegou, eu me sinto por satisfeita. Eu quero que as crianças vejam isso em mim, que elas vejam: “Olha, eu também posso ser”.

Na palestra que eu dei – e agora eu já entrei no assunto pro outro, né? – Fiz igual essas pessoas que sabem muito e falam tudo. Vamos lá gente, voltando.

Eu falei que eu fui dar uma palestra numa escola, que eu fui representando o Jeremias Brasileiro. Ele foi convidado, não pôde ir, eu fui no lugar dele, né? Me apresentou para a professora e tal. E chegou lá na escola, tinham os meninos todos sentadinhos, eu precisava ganhar território e comecei a conversar com eles.

Eu perguntei, “O que eles queriam ser?”... “Ah, advogado, jogador de futebol, atriz”. Sai de tudo, né? “Ah, eu quero ser”.

Então, às vezes, um menino negro e a menina negra, eles têm vergonha de falar o que eles querem ser, porque as pessoas deixam claro pra eles, que eles não podem ser muita coisa, sabe?

Então, assim, e tinha uma menininha que ela fala comigo, ela falou pra mim assim que... ela ia ser escritora. E achei o máximo.

E aí, depois da palestra, a gente conversou, cantamos “Sarará crioulo” (Música: “*Olhos Coloridos*” da artista Sandra De Sá) junto.

Expliquei pra eles o porquê que o brasileiro tem sangue crioulo. Porque que a música fala assim: “que, quem tem cabelo duro, ‘sarará crioulo’”. Por que se nem todo mundo tem cabelo duro? Se todo mundo é “sarará crioulo”. O que eles achavam disso? Por que daquilo?

Aí fomos falar sobre a história do Brasil, sobre como o Brasil foi construído, como o Brasil foi invadido. Na verdade, foi tomado. E que, se não fosse pelos negros, por nós, pelo nosso conhecimento, quem saberia minerar? Ninguém, gente... Quem sabia tudo de cozinha? De ervas? Não é querendo nos gabar. Mas a gente construiu isso aqui.

Então, e eles ficavam assim, sabe? Isso é bom. Por mais pessoas que coloquem isso dentro da escola, imagina esses meninos na base, todo mundo paradinho assim, olhando você falar, sabe? Sobre uma coisa que ninguém dá valor, mas que é tão fundamental.

Que é tão importante, né? E aí, e quando terminou a apresentação, a gente cantou o “Sarará crioulo” junto. Quando terminou a apresentação, vieram três meninhas negras assim, tudo correndo me abraçar: “tia, tia, tia”. Me deram um abraço gostoso... “Aí eu vim mostrar pra senhora o meu livro, e que eu escrevi na escola”. E aquela empolgação, elas viu em mim uma representatividade. Como se elas pudessesem um dia tá naquele lugar.

Eu falava assim: “Olha, eu estudo na UFU”. Quando eu entrei na UFU, eu não achava possível que, era eu entrar ali...

Então a mesma coisa, quando eu comecei a ver as cartinhas de Jeremias que os meninos escreviam pra ele, eu comecei a chorar e o Magnun falou: “O que foi, dona Érika?” Eu falei: “Nossa, eu tô muito emocionada.” Porque eu me via nesse lugar.

Eu me via ali ensinando os meninos sobre... as coisas, sobre não ao preconceito, e eles escrevendo cartinhas... Tipo assim, eles se vêem representados em você.

E teve uma coisa muito importante também, em Jeremias, que me chamou a atenção: a quantidade de palestra que ele dá. Tipo assim, certificados. Gente, o homem é um... Ele é muito bom, sabe? Tipo, muito certificado e roda..., sempre sobre aquele mesmo assunto...

Mas por que o mesmo assunto? Porque o preconceito tá aí... porque o racismo não acabou. Porque a gente tem que falar sobre isso.

Então, quando eu nesse tema, a gente conversando com meu orientador, eu falei assim, aí eu falei, sobre uma educação antirracista nas escolas, é, dentro das escolas, aí eu coloquei... “por uma existência e não resistência”, em Jeremias Brasileiro. Aí ele ficou pensando, a gente ficou pensando, né? Professor (José Benedito), um pouco sobre isso.

Mas por que por uma existência? Porque resistir cansa. A gente quer parar de resistir. Resistir é legal: “Nossa, cê é guerreira, você batalha” ...

(Érika) “Não tá, tô cansando, tá bom?” Só, deixar claro.

Então, tipo assim, esse negócio de você resistir... é cansativo. Então, você sempre tem que se defender, você tem que sempre provar que você é bom. Eu sou negra, sabe?

E quando você fala que você faz uma faculdade, as pessoas já imaginam você falando assim: “Que faculdade você faz?”

(Érika) “...eu estudo na Universidade Federal de Uberlândia”.

“Na UFU?”

(Érika) “É, vou defender meu TCC agora.

“Na UFU?”

(Érika) “É!”

Sabe? É como se a gente não tivesse condição de estar ali.

### **Érika:**

E aí sobre. Eu trouxe pra vocês hoje pra apresentar pra vocês, o livro de Jeremias Brasileiro, com as ilustrações de Alessandra Bastos, “*As crianças na Congada, no Reinado e no Congado*” (2024).

Esse livro, ele mostra como você pode ensinar uma criança através de poesia sobre o Congado, o Reinado, os Marinheiros. E o Jeremias, ele queria mostrar que é possível dentro da escola, dentro da sala de aula, você trabalhar um assunto como o Congo, o Congado, que é o assunto de vida dele.

E aí, esse livro eu apaixonei, porque tem uma parte dele, tá na página vinte, que ele fala... Que o poema é assim: (a seguir, poema, lido por Érika)

#### **Congada é vida, é festa, é trabalho**

Dançar Congada é tão bom  
 As crianças viajam a outras cidades  
 Elas fazem muitas amizades  
 Nossa sociedade precisa saber  
 Que povo de congo e reinado  
 Também é trabalhador  
 Não é como muita gente pensa  
 Que esse povo só bate o tambor (BRASILEIRO, 2024. p. 20)<sup>4</sup>

Ou seja, é uma desconstrução social muito grande em cima de tudo aquilo que vem do negro.

A gente precisa entrar nisso, em tudo o que vem do negro. Vamos supor, um exemplo: a capoeira, “aí coisa de marginal”. Capoeira é uma dança, defesa que os negros tinham... pra se defender, que eles dançavam ali, lutavam, é uma luta. Lindo de você ver, mas que é marginalizada.

Mas aí cê pega, por exemplo, uma coisa de branco, sei lá, o karatê: “Nossa, é disciplina”. karatê ou qualquer outro esporte.

Se vem do negro, é vandalismo. Se vem do branco, é cultura... é cultural. Cê pega, por exemplo, um bolero, uma salsa, é chique, é fino. Aí cê pega um samba, é vulgar. Mas, pera lá, por quê? Porque nós estamos falando do negro, estamos falando do branco. É uma diferença.

Então, se você pega as religiões de matriz africana, por exemplo, são marginalizadas. As pessoas não podem nem expressar a sua fé. Isso é muito perigoso.

E quantos anos se passaram e continua assim? Por exemplo, o evangélico, ele pode andar

---

<sup>4</sup> Trecho retirado do livro BRASILEIRO, Jeremias. *As crianças na Congada no Reinado no Congado*. 2. ed. Uberlândia, MG: Editora Subsolo, 2024. p. 20.

com a Bíblia normal na rua. Se você sair, ninguém vai te atacar. Você pode pegar sua Bíblia normal e ir pra a igreja. Que bom, é sua fé. Todo mundo respeita.

O católico tem seu terço, né?...anda com o terço na mão, faz as novenas, tá tudo certo.

Mas se uma pessoa, negra sai de casa vestida. Eu não tô falando de nada, tô falando dela vestir a roupa dela branca, colocar o turbante na cabeça. Gente, a gente já viu casos e casos de pessoas sendo apedrejadas, as pessoas apanham... É uma agressão assim, ó, gritante. Isso é preconceito. As pessoas já falam: “Ah! É macumba”. São coisas que tem que ser quebradas.

As pessoas não sabem nem o que é macumba. Nem eu sabia. Eu entrei aqui no Graça, existe uma Érika aqui, que eu ficava: “Gente, macumba é um instrumento”. Eu nem sabia, feito de madeira, sabe? Que toca macumba.

Os negros, quando eles estavam lá refugiados, à noite, eles começavam dançar e tocar o instrumento chamado macumba. Aí eles dançavam, cantavam... Ali era um pretexto de uma festa que eles faziam pra depois eles fugir...

E aí, quando os donos escutavam: “Olha... eles estão fazendo macumba lá”, ou seja, vai começar a bagunça porque eles iam fugir, vão correr, sabe?

E são coisas que você, se você não tiver estudo, você ficar pelos que os outros falam pra você, você vai crescer preconceituoso e vai espalhar isso. Você vai passar isso pros seus filhos. Já pensou? Gente, eu não sabia, é um instrumento.

Aí, despacho, por exemplo: “Aquilo ali... macumba ali, um despacho”. Da onde que saiu aquela oferenda? Eu não sabia, mas quando os escravos tavam ali, fugiam, ficavam escondidos.

Então, as pessoas pegavam, faziam coisas de comer, farofa, bebida, porque eles estavam machucados, apanhavam e... colocavam ali nas esquinas pra quando eles viessem fugindo. Eles parassem, tomassem uma pinga para poder sarar as feridas, e comessem uma comida pra continuar a fuga deles. Então tem toda uma história.

Então, a única coisa que eles não conseguiam tirar do negro era a alegria e a festa e a dança.

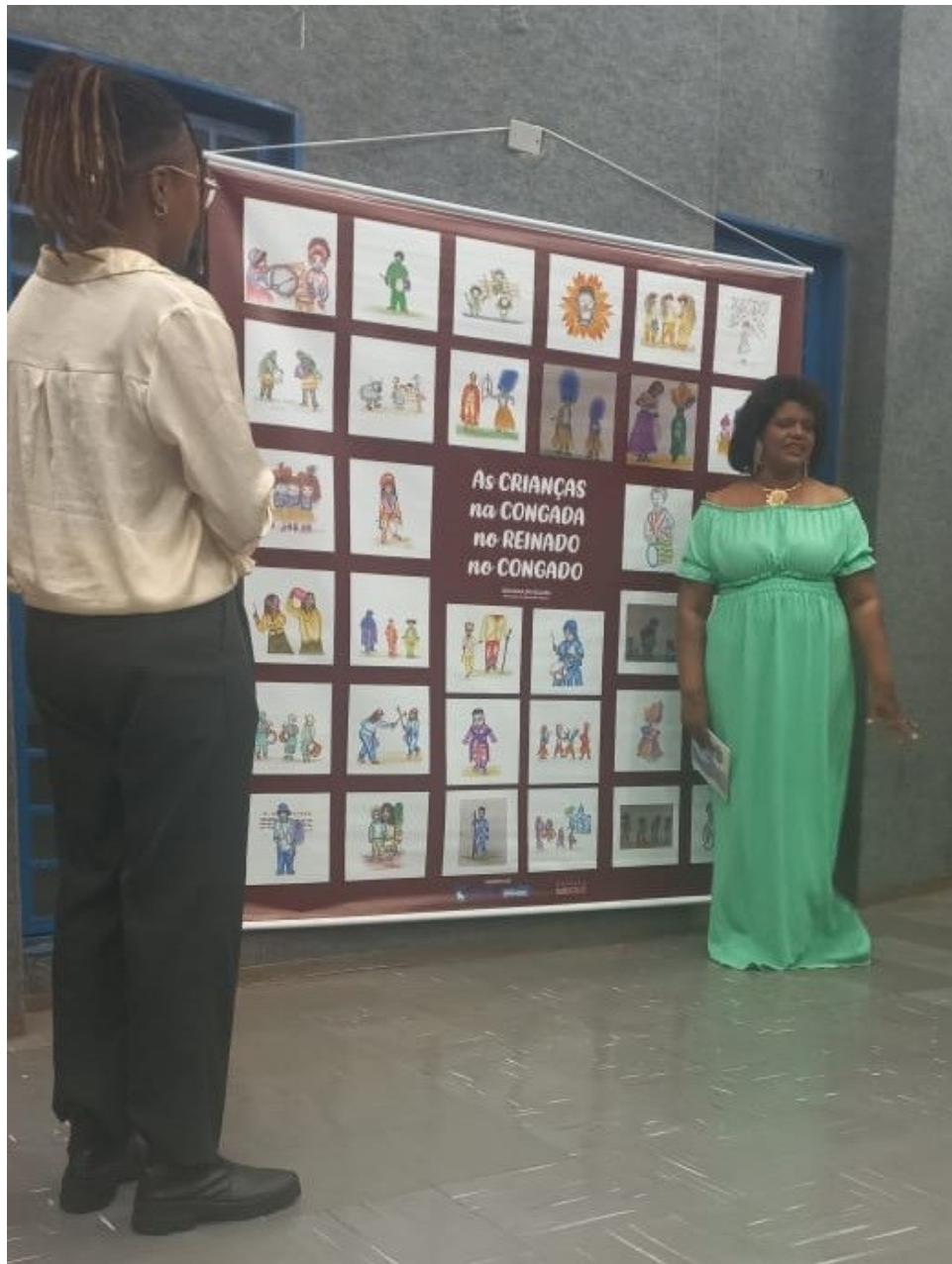
Terminava ali um dia cansativo de trabalho, todo mundo apanhou uma coisa difícil. Eles iam dançar, cantar, festejar...

Todo mundo ali, naquela alegria... Como que a pessoa conseguia, sabe? E aí... é resistência, era a dança, era a arte, era a crença, era o que mantinha eles vivos, e que as pessoas tentam tirar deles, e tentam até hoje.

Então, quando o Jeremias traz essa história. Ele fala nesse livro, quando ele foi lá no Sesc fazer, ali tá o banner. Vou mostrar pra vocês. (Na próxima página, apresenta-se o registro do

momento em que Érika exibe o banner às pessoas presentes).

Aí tem vários desenhos... as crianças tocando... os elementos todos aqui do Congado, os Marinheirinhos. Aí ele vai citando os Caiapós... o bumba meu boi, todo esse universo... que faz parte do Congo.



**Fonte:** Registro fotográfico realizado por Aline Ferreira Magalhães

E uma coisa que é muito importante a gente frisar é que as pessoas, às vezes, elas querem tratar o Congo, a arte, como uma festa folclórica e não é, gente. É mais do que isso, não é uma festa folclórica. Isso aqui representa fé, representa cultura. É toda uma história que é passada de geração em geração, que vem lutando, criando resistência.

Quando você vê o pessoal. Que festa linda! Não sei se vocês já tirem a oportunidade de participar de uma festa de Congo. Gente, um povo bonito, sabe? Assim, aquele povão, aquele desfile lindo, o pessoal se reúne depois, vai comer, vai dançar. Ou seja, isso aí é uma cultura que ele vem há anos carregando.

Então, nesse livro, ele mostra pra crianças como é o Congo, como é as crianças. Aí ele vem falando: “Olha, as crianças, nasce Caiapó”. Aí vai falando sobre os Marinheirinhos, vai falando sobre várias partes do Congo que existe, da Congada. Onde as crianças estão...

E a criança que tem família no Congo, que é de dentro, ela se sente representada: “Nossa, teve uma aula hoje na escola, ele falou sobre o Congo, mamãe! Ah, ele falou sobre a Congada”. E teve um trabalho que uma professora fez na sala de aula, com os meninos das séries iniciais. E aí ela fala sobre o Congo, os Marinheirinhos.

Jeremias deu uma palestra, e pede eles para fazer um desenho. Tá até ali depois queria, que vocês dessem uma olhada. E eles desenham a igreja, eles desenham os menininhos, eles desenham, sabe?

Tipo assim, a criança, desde muito cedo, quando ela é ensinada, isso vai. E aí, o que ele fala, quando ele lançou esse livro, é isso: “Que é através das crianças que as coisas chegam aos pais”.

Então, hoje em dia, já que nós temos uma geração totalmente doente, é muito importante que as futuras gerações, que estão vindo agora, cresçam sadias, pra que essa resistência acabe e tenha só uma existência. Porque aí não vai ser mais necessário você resistir. Ser negro não vai ser mais um problema, porque você tá dentro da escola, já ensinando desde o fundamental, a importância de você respeitar as diferenças, de você saber lidar com todos, de você respeitar a fé, a crença, o tipo de cada um, de você lutar pelos seus sonhos independentes da sua cor. Isso é importante.

E mostrar pra criança que ela pode ser o que ela quiser, entendeu? Por escolas mais qualificadas, tratar o racismo como crime mesmo: “Olha, racismo é crime. Você vai preso... eu vou denunciar”. A gente vai à frente.

Por diretores e professores que protejam nossas crianças. Não passa a mão na cabeça do agressor: “Olha, teve... um ato aqui de racismo. Vou chamar seus pais. Ah! Os pais é racista também? Então tá bom, vou acionar a polícia. Vamos resolver”. Porque são coisas que não podem existir mais.

Então, é isso que eu tô defendendo hoje: uma educação antirracista dentro das escolas, pra que a gente possa ensinar as nossas crianças. Isso é possível. Jeremias provou isso, ele fez um livro, que tá ali. Eu quero mostrar pra vocês depois, que é um manual do professor. Todo

professor tinha que ter um.

Ele é um livrinho quadradinho, que ele ensina sobre a cultura negra, ele ensina sobre o Congado e mostra como você pode trabalhar esse tema em matemática, português, geografia, história, artes. E ele faz um trabalho na sala de aula, que tem ali também, sobre o Congado na matemática. Aí pega a quantidade de Marinheirinhos, a quantidade de instrumentos, ensinando os meninos a fazer soma, entra com a história junto da matemática. O Congado no português, ele trabalha isso...faz como uma parte da história, faz perguntas,... coloca frases pros alunos conjugar verbo, usando frases sobre o Congo, sobre a cultura negra, que fundou esse país.

Então, assim, é possível você introduzir isso dentro da escola. E ele mostra isso.

E aí, agora ele tá com um lançamento que é “um itinerário de um escritor em movimento”, é um compilado dos trinta e quatro livros que ele tem, que ele ainda continua escrevendo, que ele não para, é uma máquina.

E aí, vai falando sobre um por um, sabe? Um resuminho de cada um. E é muito legal. Então assim, Jeremias, ele é necessário. Nossa, gente, eu, quando fico perto dele, eu fico besta, né?

É uma pessoa assim de um conhecimento muito grande, e o acervo tá ficando incrível. A gente está com o acervo dele aqui no Graça, que tá em processo de catalogação ainda.

Eu fico pensando, ainda bem que ele tá aqui ainda, que eu ainda posso perguntar as coisas diretamente pra ele. É bom você ter esse contato com o autor.

E foi por isso que eu escolhi ele pra falar sobre, porque ele me representa. O jeito que ele valoriza as mulheres também me chama atenção.

Ele tem um livro sobre as “guardiãs de memória”, que ele fala que, se não fosse pelas mulheres, isso é muito forte. Talvez a história tinha morrido, porque os homens tinham que levar alimento pra casa e fazem todo um negócio. Mas quem passa a tradição, as rezas, as ervas lá, os chás, é sempre a senhorinha, as tias: "Menina, pega uma folha de boldo, a massa, com não sei o quê”.

E ele tem um livro que ele fala sobre isso, "*As guardiãs de memória*" (*As guardiãs de memórias e saberes ancestrais*, 2021), que ele chama de “as tias”. Aí tem foto aqui de Uberlândia, de várias delas, de benzedeiras, de cozinheiras, de curandeiras, de várias mulheres que passam essa história e tem gravuras. Então, a pessoa que ela não sabe ler, ela pega o livro e folha e ela vê a ilustração. Isso é muito interessante. É um livro maravilhoso.

Tem um outro livro dele também que eu gosto muito, que fala sobre: “*Irmandade dos sabores*” (*Irmandade dos Saberes e Sabores: história de um patrimônio afro-brasileiro*,

2021). Ele vai no pessoal do Rosário de São Benedito... nos quartéis ali do Congo, onde o pessoal se reúne e fala sobre comida.

Então, assim, porque onde tem negro, onde tem festa, tem comida... isso é muito bom. Aí tira foto das comidas, fala sobre a receita, tem as fotos das pessoas ali. Então, quem não lê tem todo esse cuidado de tornar o livro atrativo, até para quem não sabe ler. Fala: “Olha menina aqui, olha a gravura”. Isso é muito importante. É um escritor necessário pra nosso aprendizado, pra nossa educação antirracista, maravilhoso.

E não teria uma pessoa melhor para eu me basear e querer seguir os passos do que ele. Muito obrigada, gente.

**Pergunta da banca:**

**Kyto Fayola:**

Depois da sua experiência no Graça do Aché, como você entende o curso de filosofia?

**Érika:**

... O que a filosofia tem? Que eu acho que, aqui no Graça, eu pude fazer, que na filosofia a gente não faz. Na filosofia, você lê muito, pesquisa muito... Disserta muito... Destrincha, pega tese, artigos... e tal.

Só que uma coisa gostosa na filosofia que Sócrates fazia que se perdeu. Hoje em dia, a gente tem disputas de discursos, de disputas de saberes, de quem sabe mais, quem entende melhor, qual o professor fala melhor...

É diferente, sabe? E aqui não. Aqui no acervo, você tem o contato. Quando você vai vendo as fotos, são coisas reais que passam da nossa história, mas que ainda é presente.

Você vê, dona Mônica trabalhava aqui, eu falava: “Dona Mônica”. O marido dela também é do Congo, a gente achava fotos dele bem novo, sabe? São as pessoas, as fotos. O Jeremias tem esse cuidado visual de registrar.

Atas assim, tipo, escrito à mão de 1980, lá de reuniões, são assim, arquivos assim... muito valiosos. E aí você vai vendo aquilo. Essas cartinhas, por exemplo, têm cartinhas aqui que não foi nem aberta. Eu queria abrir, aí queria pegar, tipo assim, um menino que fez uma cartinha dessa, hoje já é homem. Tem aquela curiosidade: “Será, como que é hoje? Quantos anos tem? Onde que tá? Sabe, aquela viagem?”

O acervo, pra mim, é uma viagem. Uma viagem ancestral, mesmo, na minha cultura que eu não conhecia. Porque eu vim de uma família cristã, então cê não tinha nenhum tipo de acesso. Não entendia nada...

E aqui eu vi que é tão diferente, aqui eu tive oportunidade de conhecer tanta gente, e eu pensei: “Cara, quanta coisa! Quanta coisa idiota que me ensinaram”, que não tem nada a ver, que eu nunca soube, que preconceito... sabe?

E que delícia que é a cultura negra. Gente, muito bom. Aí você pega a senhorinha no livro de receita, lá fazendo o tropeiro.... Eu ia lá no Magnun. O Magnun... aí ele: “Sim, dona Érika”. Eu achava um negócio: “Você viu aqui...”, tinha um brilho. Mas o porquê desse brilho, o Jeremias, ele conseguiu fazer isso comigo.

Esse acervo... eu tenho certeza que, ele bem elaborado... depois de bem organizado, gente, isso aqui é um patrimônio vivo. É uma história que as pessoas vão... ver seus avós, seus bisavós ali, um evento que acontecia na cidade, o carnaval, quando começou os primeiros carros alegóricos, como é que era. Sabe?

O Jeremias ali na frente, a organização de tudo, a Graça (Maria da Graça Oliveira) mesmo que dá o nome aqui, a Graça do Aché. Aché por causa do nome do bloco de carnaval, chamava Aché, que ela fazia parte.

Então, assim, tem esse encanto... Quando... eu entrei aqui, eu falei: “Existe uma Érika antes do Graça”. Eu sempre falei isso: “E depois o Graça”. O meu primeiro trabalho que eu apresentei foi aqui. Eu me senti em casa.

O meu último trabalho enquanto graduanda, igual o Magnun me lembrou hoje, tá sendo aqui. Que bom que eu consegui, porque eu não poderia levar o acervo, nada que tá aqui daqui. Falei: “Vamo pra lá?”. Porque eu quero que as pessoas conheçam, as pessoas vejam as pastas, as fotos, os livros.

Cada livro desse, cada história é muito vivo, sabe? A filosofia precisava aprender a viver as coisas. A gente tinha que sair desse negócio. É o “*eudaimonia*” por exemplo...

Mas, é, o que acontece. Você toma birra de Aristóteles sem conhecer... Se eu tenho uma birra do autor, eu tenho uma birra de Aristóteles (um exemplo): “Nossa, burguês, enjoado, insuportável”. Por quê? Porque o professor era muito insuportável... E quando você gosta, aí eu tenho uma matéria sobre “*eudaimonia*” de Aristóteles que eu apaixonei. E com esse professor ruim, assim mesmo. Mas, por que que eu apaixonei?

Eu precisava fazer um trabalho, né? E foi o tema que eu mais gostei. E é assim: todas as vezes que eu dei essa aula, eu fui aplaudida de pé. Que fala sobre qual é o fim último do ser humano. Pra que o ser humano vive?...

E eu entendi, gente, meu ódio é porque eu entendi a matéria, eu entendi o negócio, eu sei do que eu tô falando. E aí eu fiz um trabalho maravilhoso, me achando: “Cara, entendida”. Entendeu?

Porque, na filosofia, você tem que falar de um jeito que ninguém entende, porque diz que, se a pessoa entender, não é filosofia. Eu acho isso um desperdício. Porque eu acho que a filosofia... pra ficar falando uma baboseira pra ninguém entender, pelo amor de Deus. Vamos falar português, né? Enfim.

Aí eu fiz o trabalho, achei que eu tava arregaçando, e aí ele fez um tanto de rabisco no meu trabalho e falou da vírgula, do ponto. Só que, hora nenhuma, ele falou do meu trabalho. E aí eu fiquei muito nervosa.

Aí eu chorei, eu falei assim: “Cara, e o meu trabalho? E o tema? E o que eu apresentei?” Ele tá muito preocupado com a pontuação, com ponto e vírgula, e o conteúdo do trabalho, que é o importante. Já que se ele quer saber se eu realmente entendi.

E aí, na matéria de metodologia do ensino, eu dei uma aula sobre o “*eudaimonia*”, que foi um show, né, professor (José Benedito), aparte, não querendo me gabar. Eu e meus amigos, assim, pra vocês entenderem que eu entendi a matéria, sabe?

Então, assim, é diferente... Era uma aula pro ensino médio, que aula gostosa. A gente falava sobre o “*hábito*”. Gente, pelo amor de Deus, sabe? Essa leitura íntegra, isso é coisa da Universidade. Isso aí é para você escrever.

No ensino médio é diferente. Chega lá com essa palhaçada, ninguém vai entender nada. Cê tá entendendo. “Ah! Porque, *eudaimonia*” ... Gente, imagina a vida como uma escada. Todo mundo tem, tudo que é feito tem um objetivo, e o objetivo do ser humano é qual? Alcançar “*eudaimonia*”, é tão simples.

Imagina você na vida, uma escadinha, você vai subindo. Isso, no ensino médio, é isso: “Como é que eu vou chegar lá?” A gente vai conversando, a gente vai falando sobre suicídio, a gente vai falando sobre morte, sobre quem tem tudo. “Será que é o dinheiro? E o que cê acham? Vamos conversar?” Ensino médio é isso, escola é isso, faz sentido assim. E eles não entendem, não adianta chegar lá: “Porque Aristóteles considerava o *hábito*. Eu vou falar aqui em grego” ... Não vai me agregar. Então, assim, a filosofia tinha que parar com isso.

A escrita é legal. Acho que a escrita é boa, faz parte. Mas, se ela está formando licenciatura e bacharel, ela está formando professores.

Ainda bem que o professor Benedito dá um show. Graças a Deus que ele pegou a parte de licenciatura com ele. Porque ele mostra a importância de a gente introduzir música, introduzir poesia, introduzir imagem, pensar em todos os tipos de alunos que você tem. Ele trabalhou tudo isso com a gente, ele forma professores muito bem, porque, se as aulas fossem assim, eu tinha aprendido muito mais.

Porque tem aula que... tem matérias que eu tiro cem e outros eu passo mal com sessenta e

dois. Qual que é o problema? Sou eu ou a matéria? A matéria, eu não sou problemática.

É o jeito da pessoa, do professor, sabe? Tudo isso conta, gente. E a gente tem que pensar nisso. Então, tem que parar com esse negócio. Sabe, essa metideza?...

Tem um professor ... que ele falou comigo assim: "Ah, e aí, Érika como é que vai? Qual vai ser seu TCC?". Eu falei: "Eu estou trabalhando ainda..."

Ele falou assim: "Queria até vê. Eu falei: "Por quê? Cê acha que eu não tenho capacidade de fazer um TCC?" Eu também sou dessas, né? Abusada. Aí ele falou: "Não".

Mas o cara quer falar de Sartre. O cara é mais perturbado que Sartre... Mas, o Sartre é um doido perturbado, não sabe nada com nada. Porque o professor que passou a matéria pra você, entendeu? Se ele é uma pessoa que você toma birra, você não vai aprender.

Então, eu acho que, como professor, o conhecimento é legal, é muito bom. Mas ele tem que saber ser aplicado e a filosofia falta isso, sabe?

Essa leveza, essa conversa, esse Sócrates sentado, descalço, explicando para os jovens porque que eles não sabem tanto, interrogando. "Vamos conversar?" Não como: "Eu sei tudo e você não sabe nada. Faça uma pergunta que ninguém sabe responder: É isso? Não. É aquilo? Não. É isso? Não. Aí vocês não fizeram a introdução não? Quem deu matéria X pra vocês? Vocês não estudaram sobre isso não? Porque segundo...".

Aí quer arrotar conhecimento. Isso tem serventia pra quê? Pra elevar o ego, gente, e não é interessante.

Então, assim, aqui no Graça eu pude vivenciar isso. Eu tive todo um conhecimento de uma cultura, de uma vivência e tomei gosto. É gostoso, eu pude ver.

E na filosofia. Gente, se você pegar o lado bom, eu, como professora... quero que os meus alunos gostem de cada um dos filósofos, porque cada filósofo, eles contribuíram pra a filosofia de uma certa forma, entendeu?

Então... quando eu der uma aula de Sócrates, eles vão amar Sócrates; quando eu pular pra Aristóteles, eles vão amar Aristóteles; quando eu for pra Descartes, vão amar Descartes. "Quem sou eu, quem eu sou?"

Vamos fazer essa dinâmica: "Quem você é? Vamo brincar, vamos fazer uma dinâmica aqui na sala agora. O que é que te define?" Sabe? Aquela coisa boa... Agora: "*Cogito, ego, sum*". O menino: "Não sei".

Então, assim, se essa leveza fosse passada na Universidade, o curso seria mais gostoso, se a gente pudesse pegar essa vivência e isso...

Então assim, se eles fossem inteligentes, era um curso que você ia apaixonar por ele do começo ao fim. Porque todo filósofo, com todo o problema que ele tem, ele fez uma

descoberta bacana. Ele tem um negócio para acrescentar, sabe?

Tem uma coisa que você se identifica que dá para você pegar. Mas aí acaba que toma birra de todo mundo, no final. Mas o curso é muito bom.

**FIM DA TRANSCRIÇÃO**



**SERVIÇO PÚBLICO  
FEDERAL MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

Pró-Reitoria de Graduação - Diretoria de Ensino Divisão

de Formação Discente

**ÉRIKA DE SOUZA MARQUES**

**RELATÓRIO FINAL**

**PROGRAMA DE BOLSAS DE GRADUAÇÃO (PBG)**

Apresentado como requisito para a obtenção de certificado de bolsista/colaborador(a), desenvolvido no Projeto:

Ações efetivas do Laboratório de Ensino de Filosofia para a Formação Docente.

Subprograma:

Apoio aos Laboratórios de Ensino.

Orientador(a):

Prof. Dr. José Benedito de Almeida Jr.

Curso:  
Filosofia.

## I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

### A. do(a) Bolsista/colaborador(a):

Nome: Érika De Souza Marques (bolsista)

CPF: 081.481.466-24

Curso: Filosofia

Nome: Aline Ferreira Magalhães

CPF: 099.889.296-33

Curso: Filosofia

Nome: Vitória Elís Martins

Fonseca CPF: 112.537.336-94

Curso: Filosofia

### B. do Projeto:

Título: Ações efetivas do Laboratório de Ensino de Filosofia para a Formação

Docente

### C. do(a) Orientador(a):

Nome: Dr. José Benedito de Almeida Jr.

Unidade: Universidade Federal de Uberlândia

## II – INTRODUÇÃO

O plano de aula é uma ferramenta essencial para o professor, esse planejamento é o que possibilita a qualidade e a eficácia da aula. É possível que muitas pessoas ainda nos dias atuais acreditem que o que torna uma aula excelente é o domínio do conteúdo, no entanto, é necessário nos atentarmos para o real motivo da aula, ou seja, qual objetivo final? Não seria esse objetivo o aprendizado do aluno? Então, mais importante que dominar o conteúdo que vai ser ministrado, é pensar nos alunos que compõem a classe escolar e procurar uma metodologia que alcance os vários estilos diferentes de aprendizagem que esses alunos possuem, e trabalhar para que a aula consiga integrar todos eles dando-lhes a oportunidade de aprenderem de maneira igualitária.

Cada profissional, independente da sua área de atuação, para que ele coloque um projeto em prática e o execute, isto irá exigir dele um preparo, vemos quem trabalha nas

empresas fazerem o “Plano de negócios”, quem trabalha na área de marketing elabora o “Plano de marketing” e no caso do professor esse documento é o “Plano de aula”. Ele vai além de apenas

“Anotações sobre instruções ou passo a passo da aula”, ele é muito importante para o professor, uma vez que é nele que se define qual conteúdo vai ser ensinado, quais os métodos de ensino o professor irá utilizar, de que maneira será avaliado o aprendizado do aluno, como será o cronograma do ensino. Sendo assim, é evidente que saber elaborar um bom plano de aula é essencial para o sucesso da mesma.

O plano de aula é o documento feito pelo professor, contendo o tema da aula, o objetivo dela, a metodologia do conteúdo, as formas de avaliação, as referências bibliográficas e outras informações. O que diferencia uma aula boa de uma aula ruim é o tempo de dedicação e o empenho que o professor aplica na elaboração do seu plano de aula. O plano de aula é de suma importância tanto para o aluno quanto para o professor, de modo que, ao elaborar o plano o professor além de refletir sobre o tema, ele também começa a pesquisar mais sobre o assunto o que o deixa ainda mais preparado para a aula. É por este motivo que é necessário saber criar um bom plano de aula, ter um método que funcione bem para que o objetivo da aula proposta possa ser atingido com sucesso.

Levando em consideração a grande importância da docência na vida de um professor, este projeto que foi desenvolvido é de grande relevância aos alunos que

estão na graduação se qualificando para estarem em breve na sala de aula, possibilitando que os mesmos se preparem e estejam aptos a enfrentar essa transição de discente para docente com segurança, conhecimento e um bom preparo, sendo assim professores habilitados a exercerem com maestria a profissão.

### **III – DESENVOLVIMENTO**

#### **A. Período de realização do projeto:**

*Início: 01/09/022*

*Término: 02/01/2023*

#### **B. Distribuição da carga horária semanal:**

Reunião com o orientador:

4h Pesquisa e estudo

dirigido: 8h Atendimentos:

8h

#### **C. Atividades previstas e desenvolvidas:**

- Preparação de conteúdo para aulas.
- Levantamento de materiais didáticos e de pesquisa para preparação de aulas.
- Preparar aulas, escolher metodologia, estudar sobre a importância dos elementos construtivos da aula.
- Estudar sobre os tipos de avaliação e desenvolvê-los
- Elaborar atividades especiais para integrar o plano de ensino.
- Análises de planos de ensino dos alunos de metodologia.
- Reunião com o orientador para esclarecer dúvidas do projeto quanto à pesquisa desenvolvida e possíveis dúvidas dos alunos que procuravam atendimentos.

**D. Atividades previstas e não**

**desenvolvidas: Não houve.**

**E. Atividades não previstas e desenvolvidas:**

**Dois seminários para discentes da disciplina de metodologia do ensino de filosofia.**

**IV – AUTO AVALIAÇÃO DO(A) ESTUDANTE:**

Érika de Souza Marques

Esse projeto de pesquisa foi de grande valia para a minha experiência acadêmica. Desde muito cedo eu sempre soube que ser professora era maior paixão da minha vida, e poder estar nesse laboratório de conhecimento só acrescentou a minha jornada inicial de docência que em breve quero exercer. Pesquisar sobre metodologia de aula, conhecer sobre os diferentes estilos de aprendizagem, criar aulas que permitam que todos os alunos tenham condições de aprender, todos esses fatores me permitiram enxergar o quanto a preparação de um docente é importante, os futuros professores precisam muito mais que simplesmente dominar um conteúdo, é necessário de um bom planejamento de ensino e esse projeto me ajudou a produzir com excelência.

Aline Ferreira Magalhães

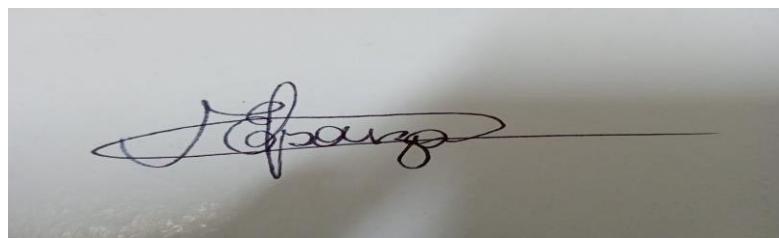
Participar destas atividades foi uma grande oportunidade de crescimento profissional e pessoal. Como pretendo ser professora, o estudo aprofundado e o trabalho com outros alunos para ajudar construir o plano de ensino deles foi enriquecedor. Espero ter contribuído para com eles.

Vitória Elís Martins Fonseca:

Posso dizer que o trabalho com planos de ensino foi uma surpresa para mim: a quantidade de teorias e possibilidades me proporcionou uma oportunidade de aprendizado e crescimento. A interação com os alunos das disciplinas que trabalham planos de ensino foi enriquecedora, porque tive a oportunidade de colocar em prática a teoria e assim ver sua dimensão.

Assinatura do(a) Bolsista/colaborador(a):

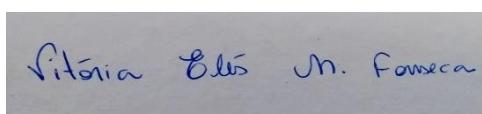
**Érika de Souza Marques**



**Aline Ferreira Magalhães**

*Aline Ferreira Magalhães*

**Vitória Elís Martins Fonseca**



#### **V – AVALIAÇÃO DO(A) ORIENTADOR(A):**

A discente Érika de Souza Marques (bolsista) e as discentes Aline Ferreira Magalhães e Vitória Elís Martins Fonseca tiveram um desempenho notável na realização do projeto. Sempre respeitando os horários, atendendo prontamente os discentes, bem como analisando os planos de ensino. Demonstraram comprometimento, responsabilidade e, acima de tudo, habilidades e competências ímpar como pesquisadoras e futuras professoras.

Assinatura do(a) Orientador(a):



## VI – ANEXOS

O estudo do projeto tem a carga horária de 12 horas semanais.

### *Na primeira semana de setembro (01 ao dia 02)*

- Fiz pesquisas sobre o tema proposto no projeto.
- Iniciei a leitura do material teórico
- Dei início a pesquisa bibliográfica para levantamento de ideias complementares para a composição de um bom plano de aula.

### *Na segunda semana de setembro (05 ao dia 09)*

- Comecei a fazer análise de planos de aula antigos.
- Separei os planos por número e comecei a fazer observações sobre o desenvolvimento de cada um deles.
- Levantei pontos positivos e pontos a serem melhorados.
- Pesquisei metodologia eficaz para complementar os planos pois senti falta desse aspecto nos mesmos.

### *Na terceira semana de setembro (12 ao dia 16)*

- Iniciei a leitura do livro de didática de José Carlos Libaneo, principalmente

nos capítulos 7 e 8.

- A partir da leitura do capítulo 7 comecei a pesquisar sobre os métodos de ensino e sua importância na elaboração de um plano.
- Voltei aos planos de aulas antigos que eu estava analisando e observei a metodologia de cada um deles.
- Fui acrescentando observações em cada plano para encontrar maneiras de deixá-los mais completos.

***Na quarta semana de setembro (19 ao dia 23)***

- Fiz as observações e todos os planos de ensino antigos e enviei ao meu orientador para que ele analisasse as minhas observações.
- Continuei a leitura do livro de didática e me baseando nos temas dos capítulos 7 passei a fazer uma pesquisa paralela e tomei nota de todo conteúdo que eu considerei relevante.
- Pautei nas minhas anotações o quanto é fundamental a metodologia de ensino e a importância de abranger todos os estilos de aprendizagem que os alunos possuem: o aluno que é leitura e escrita, o visual, o auditivo e o sinestésico.
- Comecei a pesquisar sobre os estilos de aprendizagem.

***Na quinta semana de setembro (25 ao dia 30)***

- Fiz o levantamento de todo material teórico levantado durante o mês e os organizei em pastas, fazendo um resumo e dando as minhas considerações sobre eles.
- Assisti alguns bons vídeos no youtube sobre como elaborar um bom plano de aula.
- Elaborei um esquema simples sobre o que é certo e o que não é adequado em um plano de aula, baseado nas pesquisas que venho realizando.

***Na primeira semana de outubro (03 ao dia 07)***

- Iniciei um novo levantamento bibliográfico.
- Comecei a receber planos de aula novos
- Comecei a análise dos planos, fazendo a leitura minuciosa e colocando as observações necessárias para melhorá-los.
- Com aparato no livro “*DIDÁTICA*” do Libâneo comecei a pesquisar sobre o planejamento escolar.

***Na segunda semana de outubro (10 ao dia 14)***

- Pesquisei sobre os elementos que devem compor um plano de aula.
- Fiz um levantamento sobre as metodologias e sua contribuição para o aprendizado.
- Como as novas metodologias podem ser utilizadas em sala (filmes, poesias, dinâmicas, músicas entre outros).
- Relacionei sobre a interação entre professor e aluno e como essa troca pode tornar a aula mais rica.

***Na terceira semana de outubro (17 ao dia 21)***

- Devolvi os planos novos que eu recebi de alguns alunos com observações para deixar o plano ainda mais eficaz.
- Comecei uma pesquisa sobre estilos de aprendizagem.
- Os 4 estilos de aprendizado e como desenvolver metodologias que alcancem todos eles.
- Continuando nessa temática fiz uma pesquisa sobre como conhecer melhor o aluno e contribuir com a eficácia do seu aprendizado.

***Na quarta semana de outubro (24 ao dia 28)***

- Fiz um levantamento sobre a vivência do aluno e as dificuldades no aprendizado.
- Pesquisei sobre maneiras de tornar a aula mais leve e produtiva.
- Por que a metodologia é umas das partes mais importante do plano de aula? Aprofundei nessa pesquisa.
- Reuni todo o material de pesquisa durante o mês e fiz um resumo sobre o tema abordado.

***Na primeira semana de novembro (01 ao dia 04)***

- Estudei sobre os conteúdos de Filosofia.
- Como selecionar o conteúdo das aulas.
- Fiz atendimentos para esclarecer dúvidas.
- Estudei sobre as estruturas didáticas de uma aula.

***Na segunda semana de novembro (07 ao dia 11)***

- Pesquisei sobre a taxonomia de Blomm.
- Métodos do Ensino de Filosofia.
- Conteúdo Filosófico para aulas.
- Como ensinar com qualidade.

***Na terceira semana de novembro (16 ao dia 20)***

- Continuei com as pesquisas sobre métodos de aula.

- Li alguns planos enviados pelos alunos.
- Pesquisei maneiras de elaborar um plano de aula eficaz.
- Aprofundei o estudo de ensino eficaz em sala de aula.

***Na quarta semana de novembro (21 ao dia 25)***

- Li sobre a área da Filosofia e seus principais temas.
- Fundamentos teóricos-metodológicos para o ensino de Filosofia.
- Pesquisei cronogramas de ensino de Filosofia.

***Na quinta semana de novembro (28 ao dia 30)***

- Revisei a pesquisa do mês.
- Continuei a leitura do livro do Libâneo.
- Respondi os e-mails enviados pelos alunos.

***Na primeira e segunda semana de dezembro (01 ao dia 09)***

- Reunião para analisar todo material estudado.
- Análises de novos planos de ensino.
- Atendimento para esclarecer dúvidas.
- Pesquisei sobre cronogramas de ensino.

***Na terceira semana de dezembro (12 ao dia 16)***

- Foi dado suporte as matérias relacionadas com o projeto.
- Pesquisei sobre os estilos de aprendizagem e como o ensino dirigido aos grupos são importantes.

- A importância de planejar bem uma aula.
- O que se espera de um plano de ensino eficaz.

***Na quarta semana de dezembro (19 ao dia 23)***

- Leitura de planos de aula da turma de metodologia.
- Análise das metodologias abordadas pelos alunos.
- Estudei sobre o ensino de Filosofia no Ensino Médio.
- A importância da avaliação individualizada e em grupo.

***Na quinta semana de dezembro (25 ao dia 30)***

- Releitura do material de pesquisa.
- Fiz as últimas análises de plano de aula.
- Comecei a fazer o relatório final do projeto.
- Finalizei a minha pesquisa com empenho e gratidão por todo conhecimento adquirido durante a execução da mesma.

Uberlândia, 16 de janeiro de 2023.

## **RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO: ACERVO DE MEMÓRIA NEGRA JEREMIAS BRASILEIRO**

- 1. Data da visita:** 18 de dezembro de 2024
- 2. Horário:** 8 horas
- 3. Nome da comunidade/pessoa/instituição que gerou o acervo, que administra o acervo:** Centro De Memória Da Cultura Negra Graça Do Aché, pesquisadora responsável pelo acervo: Érika De Souza Marques, contato 34.9.9904-9359.
- 4. Endereço:** Avenida Cesário Crosara, 4187 – Presidente Roosevelt, Uberlândia MG.
- 5. Quais elementos há no acervo:** Fotos de festas de congado, folia de reis, carnaval, eventos culturais, eventos literários e diversas fotos do acervo pessoal. Pastas diversas com material fotográfico e de recortes de jornais relacionados ao congado, eventos culturais e divulgações de festa do congado, atividades escolares, palestras e divulgações de publicações de livros. Vários recortes de jornais e revistas com entrevistas sobre o congado, carnaval, livros e cultura afro-brasileira. Livros de congados, revistas de congados, cds de congado, placas de honra ao mérito, revistas de congado, panfletos sobre festas de congado, certificados e declarações sobre apresentação e mediações de palestras, cartas de alunos, telegramas e cartões postais.
- 6. Quantos elementos aproximadamente?**

Mais de 2.000 fotos de congado e de carnaval, 26 pastas com fotos de congadas e recortes de jornais e revista sobre a festa de congado em todo o estado de Minas Gerais, aproximadamente 300 certificados e declarações de participações em eventos e rodas de conversas culturais, 8 placas de honra ao mérito, 20 livros de autoria de Jeremias Brasileiro, 33 cds sobre congado, mais de 150 livros e revistas sobre o congado e cultura afro-brasileira doados por Jeremias Brasileiro, 22 pastas catalogadas contendo mais de 5.000 arquivos catalogados.

- 7. Onde estão guardados? É um espaço específico? Há mobiliário específico?** Todos os acervos estão depositados no Centro De Memória Da Cultura Negra Graça do Aché, organizados em uma prateleira com 5 gavetas e 3 armários que serão usados especificamente para o *Acervo de Memória Negra Jeremias Brasileiro* e no computador em um HD onde estão arquivados todos os documentos e salvos todo o

- material digital incluindo entrevistas, apresentações de congado e documentários.
8. **Estão indexados?** Não, o acervo ainda está em fase de catalogação, o material está sendo organizado ainda por pastas e posteriormente será todo digitalizado para fácil acesso da comunidade, tanto presencialmente quanto virtualmente, o que possibilita o acesso de pessoas do mundo inteiro ao acervo que tem uma relevância significativa para toda a população negra.
  9. **Estão disponíveis para acesso do público?** Já existe uma sala para o acervo com o material físico que pode ser acessado pela população, contudo o material ainda está sendo catalogado e organizado digitalmente, levando em consideração a grandeza do acervo.
  10. **Observações da pesquisadora, sugestões, comentários a respeito do acervo, da sua forma de organização, exposição, acesso, gestão?** O *Acervo de Memória Negra Jeremias Brasileiro* é riquíssimo. Ele reúne materiais como jornais antigos, atas de reuniões, fotos de eventos culturais, entrevistas, certificados, declarações, livros, vídeos e muito mais. Cada documento carrega uma história única. Ao trabalhar com esse acervo, minha primeira tarefa foi organizá-lo. Recebi uma grande quantidade de pastas contendo fotos, panfletos, certificados e outros arquivos. Comecei separando o material em gavetas, categorizando por temas como declarações, certificados e eventos culturais. Após organizar o material físico, passei a digitalizá-lo e catalogá-lo. Criei pastas no computador e, para cada arquivo, registrei o nome, o ano e uma breve descrição do conteúdo. Esse processo foi trabalhoso, pois o acervo é extenso, com mais de 8.000 arquivos digitalizados. Ainda assim, cada documento que passei pelas mãos me fascinava, como o poema que Jeremias escreveu após um circo ser destruído por uma tempestade. Cada pedaço de papel carrega histórias emocionantes. O acervo de Jeremias Brasileiro não é apenas uma coleção de documentos, mas um testemunho vivo da história e da luta da população negra. Com mais de 36 livros publicados, Jeremias Brasileiro recupera e valoriza a cultura afro-brasileira. Um dos livros mais marcantes é o infantil, *As Crianças no Reinado, na Congada e no Congado*, que é didático e muito colorido, feito especialmente para ser trabalhado nas escolas. Além disso, participei de diversos eventos acadêmicos e culturais apresentando meu trabalho com o acervo, tanto presencialmente quanto online. Tive a honra de levar essa história para seminários na UFU, no Graça do Axé e até para um evento em Pernambuco. Em cada apresentação, reforço como o *Acervo de Memória Negra Jeremias Brasileiro* impactou minha trajetória. Acredito que o acervo, uma vez completamente digitalizado e acessível, terá

potencial para alcançar o mundo inteiro. Ele é mais do que uma coleção local; é um patrimônio cultural que pode inspirar inúmeras pessoas, assim como me inspirou. Jeremias Brasileiro não só recuperou documentos, mas também as histórias de um povo, fortalecendo a identidade e o orgulho da comunidade negra.

## 11. Registros Fotográficos:



**Foto 01** - Fachada de entrada do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na AV. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Raíssa Dantas, 07 de dezembro de 2024



**Foto 02** – Placa de identificação da homenageada que leva o nome do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché,

localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Raíssa Dantas, 07 de dezembro de

2024



**Foto 03** – Salão oval com espaço para exposições temporárias do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Raíssa Dantas, 07 de dezembro de 2024



**Foto 04** - Tela de Orixá, em exposição temporária do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Raíssa Dantas, 07 de dezembro de 2024



**Foto 05** - Pastas com fotos de festa de Congadas na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, do Acervo de Memória Negra Jeremias Brasileiro, no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Érika de Souza, 18 de dezembro de 2024



**Foto 06** - Pastas com fotos de festa de Congadas na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, do Acervo de Memória Negra Jeremias Brasileiro, no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na AV. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Érika de Souza, 18 de dezembro de 2024



**Foto 07** - Armário com dezenas de pastas com fotos de festa de Congadas na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, do Acervo de Memória Negra Jeremias Brasileiro, no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Érika de Souza, 18 de dezembro de 2024



**Foto 08** - Livros com temáticas do Congado, do escritor Jeremias Brasileiro, disponíveis para acesso público presencial no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Érika de Souza, 18 de dezembro de 2024



**Foto 09** - Caixas com livros e CDs sobre o Congado no Brasil, em processo de catalogação no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Érika de Souza, 18 de dezembro de 2024



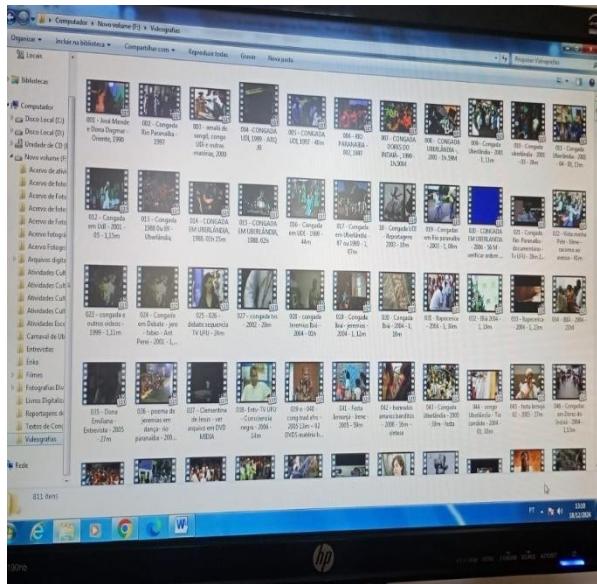
**Foto 10 -** Caixas com livros e CDs sobre o Congado no Brasil, em processo de catalogação no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Érika de Souza, 18 de dezembro de 2024



**Foto 11 -** CDs sobre o Congado no Brasil, em processo de catalogação no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Érika de Souza, 18 de dezembro de 2024



**Foto 12** – Tela de Computador, em que já estão digitalizados mais de mil audiovisuais, sendo mais de 500 referentes aos Reinados, Congadas, Congados em Minas Gerais e Brasil. Disponível para pesquisa presencial no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, localizada na Av. Cesário Crosara, 4187, bairro Roosevelt, Uberlândia, MG.

Autoria: Érika de Souza, 18 de dezembro de 2024

Meu nome é Érika de Souza Marques, sou graduanda do curso de Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia. Minha trajetória na universidade sempre foi muito difícil. No início, durante o primeiro período, eu trabalhava em dois empregos. Saía diretamente do serviço para a faculdade, o que tornava a continuidade nos estudos um grande desafio. Ainda assim, estabeleci como meta concluir o curso. Encarei essa oportunidade como algo único e decidi persistir, mesmo enfrentando preconceitos por ser uma mulher negra no ambiente universitário.

Hoje, chegando à reta final da minha graduação, tenho a felicidade de trabalhar em um projeto como o do acervo de Jeremias Brasileiro. Esse trabalho foi transformador para mim. Meu TCC aborda a educação antirracista, e lidar com o acervo de Jeremias contribuiu muito para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Conheci Jeremias Brasileiro pela primeira vez

quando ele apresentou parte do seu acervo, e me identifiquei profundamente com as histórias e vivências que ele compartilhou, seja por meio de entrevistas, livros ou documentos históricos.

Jeremias enfrentou muitas dificuldades, incluindo episódios de racismo e barreiras para expressar sua produção intelectual. Ainda assim, ele perseverou e construiu uma trajetória admirável. Na primeira entrevista que fiz com ele, fiquei impactada ao ouvir sobre os desafios que enfrentou e sobre como superou as adversidades. Isso me deu um impulso enorme para seguir em frente, pois percebi que era possível vencer.

O acervo de Jeremias é riquíssimo. Ele reúne materiais como jornais antigos, atas de reuniões, fotos de eventos culturais, entrevistas, certificados, declarações, livros e vídeos e muito mais. Cada documento carrega uma história única. Ao trabalhar com esse acervo, minha primeira tarefa foi organizá-lo. Recebi uma grande quantidade de pastas contendo fotos, panfletos, certificados e outros arquivos. Comecei separando o material em gavetas, categorizando por temas como declarações, certificados e eventos culturais.

## O processo de catalogação

Após organizar o material físico, passei a digitalizá-lo e catalogá-lo. Criei pastas no computador e, para cada arquivo, registrei o nome, o ano e uma breve descrição do conteúdo. Esse processo foi trabalhoso, pois o acervo é extenso, com mais de 8.000 arquivos digitalizados. Ainda assim, cada documento que passei pelas mãos

me fascinava, como o poema que Jeremias escreveu após um circo ser destruído por uma tempestade. Cada pedaço de papel carregava histórias emocionantes.

Um dos momentos mais marcantes foi catalogar as cartas que Jeremias recebeu de alunos. Nessas cartas, as crianças expressavam gratidão pelas palestras que ele deu nas escolas, destacando o impacto de conhecer a história e a cultura negra. Algumas cartas diziam: "Foi muito bom aprender sobre o congado" ou "A história do senhor me inspirou muito." Ler esses relatos me emocionou profundamente e reforçou a importância de levar a cultura afro-brasileira para as escolas. Outro destaque do acervo são as atividades pedagógicas desenvolvidas por professoras com base nas palestras de Jeremias. Em uma escola, por exemplo, as professoras criaram exercícios integrando o congado com matérias como português e matemática. Essa abordagem fez os alunos aprenderem de forma significativa, conectando a cultura à aprendizagem.

## A importância do acervo

O acervo de Jeremias Brasileiro não é apenas uma coleção de documentos, mas um testemunho vivo da história e da luta da população negra. Com mais de 36 livros publicados, Jeremias resgata e valoriza a cultura afro-brasileira. Um dos livros mais marcantes para mim é o infantil, *As Crianças no Congo na Congada e no Congado*, que é didático e muito colorido, feito especialmente para ser trabalhado nas escolas.

Além disso, participei de diversos eventos acadêmicos e culturais apresentando meu trabalho com o acervo, tanto presencialmente quanto online. Tive a honra de levar essa história para seminários na UFU, no Graça do Axé e até para um evento em Pernambuco. Em cada apresentação, reforço como o acervo de Jeremias impactou minha trajetória.

## Um legado para o futuro

Acredito que o acervo, uma vez completamente digitalizado e acessível, terá potencial para alcançar o mundo inteiro. Ele é mais do que uma coleção local; é um patrimônio cultural que pode inspirar inúmeras pessoas, assim como me inspirou. Jeremias Brasileiro não resgatou apenas documentos, mas também as histórias de um povo, fortalecendo a identidade e o orgulho da comunidade negra.

Esse trabalho mudou minha vida e tenho certeza de que transformará a de muitos outros.